



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LARISA FERREIRA DA SILVA

**MEMORIAL – A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA: A IMPORTÂNCIA
DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ALTAMIRA-PA

2021

LARISA FERREIRA DA SILVA

MEMORIAL – A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA: A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Orientado pelo Prof. Dr. Lindomal Ferreira

ALTAMIRA-PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Larisa Ferreira da.
Memorial - A Trajetória de Uma Professora: A Importância do Letramento e da Alfabetização / Larisa Ferreira da Silva. — 2021.
53 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, , Altamira, 2021.

1. Memorial. 2. Alfabetização. 3. educação Infantil. I.
Título.

CDD 370.7122

LARISA FERREIRA DA SILVA

MEMORIAL – A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA: A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lindomal Ferreira
(Orientador)

Professor (a)

Professor (a)

AGRADECIMENTO

Agradecer é uma das mais belas formas de mostrar os quão valiosos, são aqueles com quem dividimos nossos caminhos. E, nesse momento impar em minha vida, não poderia deixar de lembrar de Deus e das as pessoas que contribuíram para que ele acontecesse.

Aos professores (as), mestres e doutores do curso de Pós-graduação em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

E em especial ao meu orientador, Dr. Lindomal Ferreira pela paciência, compreensão, disponibilidade e acima de tudo um olhar humano, compartilha seus conhecimentos, e pela dedicação, comprometimento cumpre sua missão de ensinar.

Aos coordenadores do curso pela compreensão, comprometimento e amizade.

A UFPA, que oportunizou a nós profissionais da educação, esse direito de ter uma Especialização, proporcionando-nos a realização desse sonho.

A todos, minha gratidão.

A prática eficaz e proporcional da metodologia da escrita se denomina letramento que implica vários tipos de habilidades, como: aptidão de ler ou escrever para atingir diversos objetivos (SOARES, 2004).

RESUMO

Muitos estudos têm sido realizados no intuito de discutir a utilização da prática pedagógica voltada para alfabetização e letramento de alunos da educação infantil. É certamente um tema bastante oportuno, pois no plano educacional, tudo começa pela educação infantil. Nesse sentido, o presente estudo apresenta como tema: Memorial - a trajetória de uma professora: a importância do letramento e da alfabetização na educação infantil. Tendo como objetivo analisar a importância da alfabetização e do letramento no processo de escrita e leitura de alunos da educação infantil. Este trabalho tem por método, a escolha do gênero acadêmico memorial. O memorial consiste em uma narração autobiográfica, na qual marca a descrição da trajetória. O referencial teórico desta pesquisa evidencia a necessidade da realização do trabalho voltado para alfabetização e letramento na educação infantil. Por meio de ações que possibilitem ao aluno a aquisição dos conhecimentos. Asseguro que aprendi que o professor, deve buscar frequentemente metodologias que possam favorecer a sua prática diária em sala de aula, para que tenha um bom desempenho em seu trabalho. Adquirindo com isso, uma visão clara de como agir perante os desafios encontrados.

Palavras-Chaves: Memorial. Alfabetização. Educação Infantil.

ABSTRACT

Many studies have been carried out in order to discuss the use of pedagogical practice aimed at literacy and literacy of early childhood education students. It is certainly a very opportune topic, because in the educational plan, everything starts with early childhood education. In this sense, the present study presents as theme: Memorial - the trajectory of a teacher: the importance of literacy and literacy in early childhood education. Aiming to Analyze the importance of literacy and literacy in the writing and reading process of early childhood education students. This work has as its method, the choice of the academic memorial genre. The memorial consists of an autobiographical narration, in which it marks the description of the trajectory. The theoretical framework of this research highlights the need to carry out work aimed at literacy and literacy in early childhood education. Through actions that enable the student to acquire knowledge. I assure you that I learned that the teacher must frequently seek methodologies that can favor his daily practice in the classroom, so that he can have a good performance in his work. Acquiring with this, a clear vision of how to act in face of the challenges encountered.

Key Words: Memorial. Literacy. Child education.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 -	Pintura com balões.....	35
Figura 02 -	Pintura com garfos.....	35
Figura 03 -	Pintura com cotonete.....	35
Figura 04 -	Pintura com bucha.....	35
Figura 05 -	Uso do lápis e bolinha.....	36
Figura 06 -	Uso do livro, mostrando as letras.....	37
Figura 07 -	Contruindo meu corpo.....	37
Figura 08 -	Pintura árvore.....	38
Figura 09 -	Expressão de escrita no chão.....	38
Figura 10 -	Caça as vogais.....	38
Figura 11 -	Cartaz rótulos.....	39
Figura 12 -	Receita salada de frutas.....	39
Figura 13 -	Decorando letras através de colagens.....	39
Figura 14 -	Cobrindo letras.....	39
Figura 15 -	Ferramenta de avaliação.....	43
Figura 16 -	Aula via Zoom.....	44
Figura 17 -	Sala de apoio, “Pimpolhos da Lari”.....	45
Figura 18 -	Sala virtual.....	47
Figura 19 -	Jogos pedagógicos virtuais.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MEMORIAL: RESGATE DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL	13
1.1 QUANDO TUDO COMEÇOU	13
1.2 MEU INGRESSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
1.3 MEU INGRESSO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	15
1.4 MINHA VIDA ACADÊMICA	18
1.5 MINHA VIDA COMO PROFESSORA.....	21
2. A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO LETRAMENTO E NA ALFABETIZAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	22
2.1 O PRINCÍPIO DA ALFABETIZAÇÃO	22
2.2 CONTRIBUIÇÕES NA PRÁTICA ALFABETIZADORA EM MEIO A PANDEMIA. PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	25
2.3 O USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NAS AULAS REMOTAS PARA FAVORECER A APRENDIZAGEM	27
2.4 UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE AS METODOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	30
2.5 PRODUÇÃO ESCRITA E GÊNERO TEXTUAL NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO DE LETRAMENTO	32
2.6 PLANEJAMENTO DIDÁTICO UMA REFLEXÃO SOBRE OS MÉTODOS	40
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O professor é um pesquisador, que deve estar em constante processo de aperfeiçoamento dos saberes necessários as atividades docentes, para minimizar as dificuldades encontradas na sua prática pedagógica, já que desempenha um papel de mediador do conhecimento, entre as teorias e as práticas. Quando se aproximam os pressupostos, teóricos e práticos, fica mais significativo o trabalho docente principalmente quando atua-se no processo de alfabetização e letramento de aluno da educação infantil. Nesse sentido, o presente estudo apresenta como tema: Memorial – a trajetória de uma professora: a importância do letramento e da alfabetização na educação infantil.

Ao escolher esse tema, procuro fazer uma reflexão sobre minha trajetória de vida pessoal e profissional, bem como sobre a necessidade e a importância de se iniciar o processo de letramento e alfabetização na educação infantil, oportunizando aos alunos a aquisição de conhecimentos sistematizados.

Nesse sentido, é importante que o docente comprometido com o seu trabalho esteja sempre em busca de novos conhecimentos seja individualmente ou coletivamente visando a ampliação de novos saberes para seus alunos. E esses conhecimentos podem vir por meio de formações continuadas que são ofertadas na área educacional, como por exemplo, palestras, cursos de aperfeiçoamentos, formações, oficinas etc.

De acordo com Brito (2007) ao se fazer uma abordagem sobre questões inerentes ao processo de alfabetização e de letramento, constata-se que ambos são processos indissociáveis, que desempenham um caminho no que tange a formação dos alunos da educação infantil na escrita e leitura, onde considera-se nesse contexto o aluno alfabetizado, aquele que conhece ou demonstra domínio pertinente ao código escrito, sabendo praticar a leitura e a escrita.

O professor ao trabalhar alfabetização e letramento geralmente percebe necessidade de operar mudanças relacionadas ao trabalho efetivado, com a intenção de que esse trabalho seja de fato significativo para o aluno.

O docente necessita ter o conhecimento do seu papel, dentro do contexto social, pois o mesmo tem que estar atualizado com os conteúdos a serem ensinados,

desenvolver uma pedagogia que facilite a aprendizagem, com métodos, técnicas, e recursos que possibilitem uma melhor compreensão dos assuntos abordados.

Assim sendo, delineiam-se as seguintes questões norteadoras: Quais as dificuldades encontradas pelos professores e alunos no alfabetizar? Quais práticas metodológicas podem ser adotadas para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento?

Apresenta-se como objetivo geral: Analisar a importância da alfabetização e do letramento no processo de escrita e leitura de alunos da educação infantil. Tendo como objetivos específicos: i) Mostrar por meio do memorial minha trajetória de vida pessoal como fui alfabetizada e profissional; ii) Reconhecer a importância das metodologias no processo de alfabetização; iii) Perceber a necessidade da produção escrita na contribuição do processo de letramento; iiiii) refletir o processo de aprendizagem no período da pandemia e o uso das Tecnologias.

Esta pesquisa justifica-se por expressar à comunidade escolar que a alfabetização e o letramento aliados a prática e a experiência profissional possibilitam a aquisição de novos conhecimentos para os alunos que estão iniciando seus estudos na educação infantil. Esse tema é oportuno, pois contribui para mudanças na prática docente daqueles profissionais que atuam na educação infantil de forma acomodada com o processo de alfabetização. Onde a educação infantil é vista por muitos como um lugar apenas de ludicidade, sem o caráter da aprendizagem sistematizada. A relevância do tema traz à tona a discussão sobre a necessidade de preparar os alunos da educação infantil para a aquisição da escrita e da leitura. Pois, muitos professores ainda consideram que estas habilidades são desnecessárias nessa modalidade de ensino.

Este trabalho tem por escolha o gênero acadêmico memorial. O memorial consiste em uma narração autobiográfica, a qual marca a descrição da trajetória.

O memorial descritivo oportuniza, por meio de um trabalho acadêmico, a construção da identidade e de fatos que marcam a trajetória tanto pessoal como profissional, possibilita o exercício da reflexão.

O memorial é um exercício que enriquece o diálogo entre o sujeito e área que trabalha ou estuda, pois ele possibilita descrever a construção da trajetória vivenciada pelo indivíduo. E todos os caminhos que foram percorridos até chegar a sua elaboração.

O memorial é um trabalho que contém informações importantes, nesse sentido é um material pedagógico que poderá contribuir no desenvolvimento acadêmico, pois é uma narrativa que faz refletir o passado e ao mesmo tempo entender a evolução pela qual a pessoa passa, até alcançar seu objetivo.

A abordagem desta pesquisa será qualitativa. Nesse tipo de abordagem o pesquisador preocupa-se com os aspectos sociais, possibilitando que seja também um ato político. Como afirma Severino (2010, p.215), “Ressalta-se que o caráter pessoal do trabalho do pesquisador tem uma dimensão social, o que confere seu sentido político”.

Conclui-se que o memorial é um trabalho importante que mostra com detalhes as especificidades da vida de alguém, evidenciando não somente o lado pessoal, mas também o profissional.

1. MEMORIAL: RESGATE DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

1.1 QUANDO TUDO COMEÇOU

Eu, Larissa Ferreira da Silva, nascida em 08/08/1990, na cidade de Rurópolis no estado de Pará, a quinta filha do casal Honorato Fernandes da Silva e Eriene Ferreira da Silva. Meu pai é do estado do Buriticupu–Maranhão e minha mãe é da cidade de Caririaçu no estado do Ceará.

Eu sou a caçula de uma família de cinco irmãos, somos duas meninas (Tayana Ferreira da Silva, 40 anos e Larissa Ferreira da Silva 31 anos) e três meninos (Tayles Ferreira da Silva, 39 anos, Teojino Ferreira da Silva, 35 anos e Tacio Ferreira da Silva 33 anos).

Meu pai chegou ao Pará no ano de 1969 com 15 anos de idade para a capital Belém do Pará, onde veio morar com o intuito de trabalhar. Conhecida como uma terra rica em madeira, agricultura, cacau, pimenta, logo no ano de 1976, veio morar na nossa região, transamazônica, andando por, Altamira, Medicilândia e Uruará. Minha mãe veio com seus pais no ano de 1977, com 13 anos de idade, vieram em busca de apropriação de Terras, residindo numa agrovila, Km 2013 sul, no qual, trabalhava com agricultura familiar, usando jumentos como meio de transportar os alimentos.

Minha mãe estudou até a 2^o série do fundamental menor. Já meu pai, é autodidata, aprendeu a escrever e ler sozinho com o auxílio de uma bíblia, hoje ele é um leitor de livros, letrado e tecnológico (ama um celular) e redes sociais com 66 anos de idade).

O encontro entre meus pais aconteceu na região da Transamazônica, ele com 26 anos de idade e ela com 16 anos de idade, namorando dois meses para se casarem. Como minha mãe morava no km 2013, numa roça, queria sair dessa realidade, morar na cidade como dizia ela. Conheceu meu pai através de seus irmãos, mas até chegar ao ponto de morar na cidade, ela ainda andou muito com ele pelas colônias.

A forma de sustento dos meus pais vinha da extração de madeira, morando em barracos, feito de barro e palhas, por eles mesmos, pois o trabalho do meu pai na época em que se conheceram, mais precisamente no ano de 1980, era a derrubada de árvores como empreiteiro. Meus pais ainda não são aposentados, minha mãe é do lar, nunca trabalhou para terceiros, na nossa infância, gostava de trabalhar como

revendedora de perfumaria e roupas, para ajudar nas finanças em casa, meu pai atualmente vive da agropecuária, cria uma quantidade de gado para engorda, que se destina somente para o seu sustento financeiro.

Com os filhos já crescendo, minha mãe percebeu a necessidade de seus filhos estudarem, foi quando resolveu fazer moradia fixa na cidade de Uruará-Pará.

Desde quando comecei a ter entendimento, lembro-me da vontade em saber os significados de gráficos, rabiscos de livros e folhas que eu encontrava pela casa e pela igreja. Aquilo despertava um grande interesse em mim pelo conhecimento, claroque ainda não tinha um conhecimento apurado. Mas, já tinha o despertar para a leitura e interpretação daquilo que me rodeava.

Nasci em berço cristão, com família pertencente à igreja Adventista do Sétimo Dia. Assim, meus pais tinham a cultura de todos os dias ler a bíblia e lição da escola sabatina (programa da igreja), um “encontro” diário matinal para toda a família.

Iniciávamos o dia, fazendo o culto doméstico, meus pais liam a bíblia, e decoravam uma lição que segue como um tipo específico de estudo da bíblia. Desde sempre, tive muito contato com leituras, imagens e a prática de canto. Minha mãe sempre indagava ser uma criança curiosa para a leitura, meu sonho era entrar na escola para estudar, mas tinha que esperar a idade certa para realizar esse sonho.

1.2 MEU INGRESSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diante da minha vontade em querer ler, minha mãe resolveu então me matricular na pré-escola, no ano de 1995 na turminha de alunos com 5 anos, no Centro Educativo Janelinha do Saber, a única escola infantil da cidade de Uruará na época. Tenho pouca recordação deste ano, mas lembro que fiquei muito frustrada (hoje sei que a palavra é frustrada) pois, somente pintava desenhos enormes.

No ano seguinte (1996) mudei de escola, fui então para mesma instituição onde meus irmãos estudavam, o Instituto Educacional de Uruará.

Nesse ano, eu estava com 5 anos e iniciei o “Prézinho” como era chamada as turmas de alunos que tinham 5 anos. Lembro-me que fazia muitas cópias, a professora escrevia frases, palavras, no caderno, pulava umas 10 linhas para a outra frase e assim passavam-se os dias. Eu não tinha a menor ideia do que estava escrito ou o que estava aprendendo.

Eu era uma criança muito esperta, bem comunicativa que amava “brincar de casinha”, No fundo da minha casa tinha um campo de futebol, ali me divertia, brincava de betes, uma brincadeira de dupla que utilizava dois tacos, duas latas, uma bolinha, fazia um buraco no chão na frente da lata e o objetivo era defender a lata e jogar a bolinha o mais longe possível, dando tempo de trocar de lugar com o parceiro. Foi neste espaço que brincava de pega-pega, pique alto, pular corda, elástico, e também aprendi a andar de bicicleta e de moto.

Já na escolinha, por ser um pouco ativa, atividades que me mantiam muito tempo sentada ou fazendo por muito tempo a mesma coisa, me estressava. Algo que me tirava do sério e péssima era decorar falas e textos, tanto na escola quanto na igreja em programações especiais, colocavam a criança para decorar falas.

Lembro bem, de uma vergonha que passei em público na igreja, era uma programação do dia das mães, era para eu recitar um poema, toda vestida de avental, chapéu de cozinheira e concha na mão, eu lembro que o poema vinha com uma temática, de gratidão pelo cuidado da mãe para os seus filhos, lavando, passando, cozinhando como um ato de amor. Eu travei no púlpito da igreja lotada, não lembrei de nenhuma vírgula, havia uma pessoa na minha frente, tentando fazer eu falar e começou a recitar para mim, tudo em vão, falei tudo enrolado e saí. Depois desse dia, foi que não queria mesmo saber de coisas decoradas.

1.2 MEU INGRESSO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O meu 1º ano das séries iniciais, foi uma experiência traumática, até hoje carrego esse bloqueio dentro de mim, eu nunca pensei que precisaria um dia relatar com detalhes esse momento.

Eu sempre fui uma pessoa comunicativa e alegre. Sempre gostei de interagir com as pessoas e, na escola essa interação era muito latente, chegando às vezes a me prejudicar. Em função disso, meus pais recebiam reclamações por parte da escola sobre minhas conversas paralelas em sala de aula.

Conversar é algo que faz parte da minha essência, é um jeito de ser, é algo hereditário, a família toda é comunicativa de natureza.

Para conter essa minha conversa, meus professores sempre tinham que direcionar alguma atividade para eu fazer, assim eu me ocupava, focava e ainda era

estimulada na minha aprendizagem. Na sala de aula, eu era amiga de todos. Não tinha lugar para eu sentar que eu não pudesse interagir com os colegas.

Nunca tive problemas cognitivos ou dificuldades de aprendizagem, sempre fui ativa e de fácil compreensão escolar, quando o conteúdo era explicado, eu aprendia sem muitas dificuldades. Porém, minha professora na época, não soube lidar com meu comportamento um tanto quanto interacionista, e acredito hoje, que ela não tinha uma metodologia adequada que pudesse ser aplicada ao meu perfil hoje em dia, sendo eu professora alfabetizadora, não consigo identificar a metodologia que utilizava para tentar me alfabetizar.

Às vezes estar na escola era algo entediante para mim, pois nem sempre tinha o que aprender, pois a metodologia da professora em lidar com os alunos era muito tradicional, não tinha inovação no ensino, o que tornava aquilo tudo muito cansativo e desinteressante.

O que eu fazia com frequência, era copiar do quadro, então o que me restava era conversar com os colegas, isso estressava a professora. Mas, ela sempre me orientava a me comportar em sala de aula.

Ela pedia que todos os alunos fizessem a leitura no quadro, me chamava, colocava a régua no quadro e mandava eu ler. Até esse momento, tinha aprendido somente as vogais lá na educação infantil. Em função disso, saia lendo somente as vogais das palavras, era apenas o que eu sabia.

Eu tinha a compreensão do uso das vogais e a parte linguística estava bem trabalhada, não tinha problemas de dicção, simplesmente precisava ter o conhecimento do alfabeto, a formação de sílabas, compreensão de palavras e textos para continuar com meu processo de aprendizagem.

A partir desse ponto, hoje compreendo que meu processo de alfabetização estagnou, pois aquela professora não tinha nada para me ensinar que pudesse levar ao processo de alfabetização.

Não culpo meus pais, pois eles não tinham conhecimento sobre os processos de alfabetização e eu nunca fui uma criança de reclamar, (apesar de gostar de conversar muito) achava tudo normal, embora aquilo me entediasse às vezes, quando criança cheguei a pensar que eu era “burra” e bagunceira.

Depois da leitura vergonhosa do quadro, como punição por eu não saber ler, ela me colocou de castigo de joelhos, fui várias vezes castigada dessa forma. Um dia ela

resolveu me colocar do lado de fora da sala de aula, pois ficar de joelho no cimento era mais dolorido.

Nesse dia, a escola recebeu a visita de uma pessoa importante, eu não tinha conhecimento o que ela era, mas como fui deixada do lado de fora de castigo, me levantava quando não estava olhando e a professora não tinha conhecimento de que essa mulher estava na escola e quando vi o povo acompanhando essa pessoa, eu saí correndo, depois me ajoelhei de novo, na minha lógica, se ela me visse fora do castigo eu iria levar mais bronca, mas foi o dia que ela me salvou desses castigos dolorosos e vexatórios.

A pessoa importante se aproximou e me perguntou o que eu estava fazendo ali de joelhos, falei que minha professora me colocou de castigo, pois eu não tinha conseguido ler. Ela entrou e convidou a professora para conversar, e a partir desse dia, depois dessa conversa entre elas, nunca mais fiquei de castigo.

Minha mãe nunca teve o conhecimento disso, porque não tive coragem de contar e, na minha percepção de criança eu era a errada e devido ela ficar em casa cuidando de nós enquanto meu pai trabalhava na zona rural.

Minha mãe apesar da consciência da importância dos estudos, nunca gostou de ir acompanhar nossos estudos na escola, quem gostava era meu pai. Toda vez que ele estava na cidade, ia à instituição, os professores falavam que eu era conversadeira demais, chegava em casa era a briga fazendo a promessa de que se não mudasse, sairia uma surra. Meu pai sempre teve o cuidado de olhar nossos cadernos, sempre teve essa preocupação exaltando a importância dos estudos para a vida.

Nós tínhamos que ser atentos aos estudos, tínhamos que vir realmente para casa sem nenhuma dúvida do conteúdo trabalhado em sala de aula, pois meus pais não conseguiam nos ensinar sobre os conteúdos escolares, pois, como já falei, meu pai aprendeu a ler sozinho, minha mãe era despreocupada, sempre falava: “minha filha eu não sei explicar”, e de fato a escolaridade dela é baixa.

Então, a ajuda dos meus pais na alfabetização baseava somente no incentivo do meu pai em acompanhamento das atividades escolares. Eu fazia muitas cópias, que ele mandava seus filhos fazerem, para toda vez que ele chegasse de viagem, estivessem feitas e ele conferir. Meu processo de alfabetização foi simplesmente decorar o que estava escrito e depois eu pedia alguém ler para mim.

Vim de uma família humilde, meus pais sempre falavam que a maior riqueza que poderia nos deixar eram os estudos, eles mantiveram seus filhos estudando até o 3º

ano do ensino médio, depois disso, nós teríamos que tentar seguir nos estudos por conta própria, pois não teriam condições financeiras de manter seus filhos na faculdade em outra cidade, sendo que no nosso município não tinha nível superior.

1.4 MINHA VIDA ACADÊMICA

Fiz duas graduações depois que comecei a trabalhar e me sustentar, meu primeiro trabalho foi auxiliar de farmácia e fui para a graduação totalmente diferente do que eu almejava e tinha como trabalho, que era farmácia e por isso minha primeira graduação em pedagogia na rede privada de ensino superior, tive muitas incertezas, se realmente era algo que eu queria como profissão para minha vida.

No curso, inicialmente são trabalhados os fundamentos sociais, educacionais e filosóficos, pouco debatido sobre a prática docente em si, então a forma mais rápida de ter essa certeza era ir em busca da experiência.

Fui então trabalhar como professora substituta na rede pública de ensino, na mesma escola que estudei na educação infantil, agora como E.M.E.I Janelinha do Saber, trabalhando com as mesmas professoras que me deram aulas na minha infância, sendo ao gratificante, poder contribuir para o lugar que eu estudei. Foi ali a minha primeira experiência, trabalhando com crianças de 3 e 4 anos, que descobrir minha vocação pela profissão. Neste período fiz muitas amizades no meio educacional.

O curso veio por intermédio de um coordenador de Altamira-Pará, ele era o representante e escolhia os professores para ministrar as aulas, com a exigência de possuir especialização e análise curricular, de preferência da cidade do curso vigente. As aulas funcionavam no formato de ensino regular, tinha aulas nos dias da semana, terça e quinta-feira.

Neste mesmo período eu estava casada, não tinha muito apoio aos estudos, vieram os conflitos, engravidei de uma linda menina, chamada Ana Laura. Quando eu estava com três meses de gestação, ocorreu a separação, em meio a muitas agitações, com o apoio familiar e de amigos da graduação, consegui ir até o final do curso.

Um dos temas que gostei de estudar no decorrer do curso, foi a Afetividade na Infância, o desenvolvimento infantil desde o feto e psicomotricidade. Não sei se

influenciou o fato de ser mãe solteira e passar segurança para minha filha tanto no período gestacional, quanto fora dele, meu trabalho de conclusão não podia ser diferente, discorri sobre a Afetividade na Educação Infantil.

Com a dificuldade para o recebimento do diploma, visto que a legislação proibia universidade de outro estado ofertar num lugar diferente do seu de origem, o coordenador do meu curso tentou validar, com a Universidade Iguazu – UNIG, eu tinha a consciência e que essa manobra era ilegal.

Nesta primeira graduação conheci um ser humano que exerceria uma grande influência na minha vida, uma professora cativante, atenciosa, alegre e com uma inteligência admirável para ministrar suas aulas. Ela me falou do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, que se pretendia abrir uma turma no município de Uruará, no qual ela seria a coordenadora local.

Eu e minha irmã fizemos nossas inscrições, eu cursando novamente Pedagogia, minha irmã cursando Artes Visuais, vendo como possibilidade única poder estudar na Universidade Federal do Pará – UFPA. Tinha a certeza que iria enriquecer nosso conhecimento enquanto professora e já me precavendo em relação ao diploma da primeira graduação, que poderia não ser aceito.

Nós duas, minha irmã e eu, sempre gostamos de trocar experiências, ela com a linguagem visual e eu com a Pedagogia, discussão sobre relação professor e aluno, sobre desenvolvimento humano, sobre planejamentos, entre outros.

Quando iniciei o curso na UFPA, fiquei apreensiva em relação aos companheiros de turma, se conseguiria seguir os estudos e para minha surpresa, tinha uma companheira da primeira graduação. Na minha cidade haviam formado duas turmas de Pedagogia, não veio dividida pelo sistema, fizeram essa divisão no primeiro dia de aula. Nesta separação, fiquei torcendo para estudar com minha amiga e deu certo, neste dia conheci também uma dupla de pai e filho, o filho ao ver nós duas, sempre muito simpático, já se enturmou conosco, o pai dele ficou na outra turma, assim se formou o trio, que ficaria junto até a segunda etapa, onde minha amiga com problemas pessoais, precisou ir embora da cidade, desistindo do curso.

Ficou a dupla, estudamos o curso inteiro sem nos separar, os trabalhos em dupla, alguns de grupo que as vezes não dava muito certo de continuar juntos, um ajudou e apoiou o outro, ele era matemático, achava muito legal, a ideia de um professor desta área, identificar-se com o campo da Pedagogia.

Nesta turma tinham educandos, que eram antigos como professores, com muito tempo sem sentar numa cadeira como aluno, o interessante, era que todos se ajudavam, apoiavam, dando suporte, tecnológico entre outros. Sem esquecer de mencionar o famoso macarrão de panela de pressão o “salvador da pátria”, quando não queríamos ir para casa e aproveitar o máximo de tempo estudando, juntávamos o dinheiro entre os colegas e em 5 minutos, nosso almoço estava pronto.

Chegou o período de produção do trabalho de conclusão do curso, no início, sempre quis aprimorar meus conhecimentos sobre a psicogênese da língua escrita e como forma de desenvolvimento as garatujas, desenhos até chegar na escrita com significado, a primeira produção do Pré-Projeto, veio um professor que não era inteirado deste assunto, não consegui montar a priori, esperei a disciplina que estuda este conteúdo, veio uma professora substituta, enfim, não conseguir um auxílio para este projeto, então desistir.

Quando veio de fato, o período de construção do TCC, estava sem tema, porque o que eu queria estava sendo inviável no momento e fui para uma temática bem diferente, Evasão escolar no nível superior no PARFOR, visto que, quem desistia do curso, não tinha o direito de reabrir e nem ingressar em outro ofertado pelo mesmo e com a saída da minha amiga, achei interessante discorrer sobre, já que para muitos, eram um sonho estar estudando ali e o porquê desistiam.

Neste período estava trabalhando na escola privada e pública, as pessoas que evadiram, moravam em outro município, na zona rural de difícil acesso, sem comunicação também, com muita luta, encontrei alguns, porém recusaram fazer a entrevista, me vi numa situação complicada para escrever, estava chegando o dia da defesa, foi que encontrei com um professor do curso e ele me perguntou sobre minha vivência quanto professora, porque não escrever sobre o assunto.

Então faltando dois meses para a defesa, mudei o tema do TCC, fui pensar e o que eu poderia escrever com propriedade no momento e rapidez, era sobre a “Importância do lúdico na Educação infantil no Processo de Ensino-aprendizagem”, como sempre digo, sou professora de Educação Infantil, tenho a capacidade de lecionar em qualquer outra nível estudantil, mas a maior identificação continua com essa faixa etária, para mim, Pedagogo que tem sua maior experiência com crianças, tem que discorrer sobre a ludicidade neste período.

Consegui concluir, exausta, mas com uma felicidade que não cabia em mim. Não pensei em parar com os estudos, ainda tinha o projeto inacabado para estudar, foi

quando apareceu este curso, aonde veio a certeza, que me ajudaria a ampliar e sistematizar essa ideia sobre a apropriação da linguagem escrita através dos desenhos a relação da fala materna com o desenvolvimento da escrita. Fiquei triste pelo fato de que no meio do curso aconteceu esta calamidade no mundo, onde restringiu o curso, prolongando os encontros de estudos.

Tive diversas dificuldades para conseguir chegar ao final desta especialização, com doenças psicológicas e físicas na minha família, as quais, me levaram a adoecer também. Tive ainda problemas de ansiedade e estresse, causados pelos conflitos da pandemia, enfim, todos superados e não perdi nenhum familiar para esta doença.

1.5 MINHA VIDA COMO PROFESSORA

Ser professora, não foi algo planejado, mas já estava com o pensamento de que precisaria fazer um nível superior, e o curso de Pedagogia foi o primeiro que surgiu na cidade onde moro.

Para a minha surpresa, esta profissão se tornou minha paixão, pois entender todo o processo do desenvolvimento infantil voltado para a alfabetização me encanta.

Como professora lecionei em turmas de educação infantil, creche com 3 anos de idade até o ensino fundamental 9º Ano. Esta experiência foi rica e necessária para eu adquirir mais conhecimentos e, a partir daí, me encontrar profissionalmente. Essa experiência foi importante para eu saber onde realmente, eu mais me identificava e, cheguei à conclusão de que a educação infantil e 1º ano do Fundamental Menor são minhas paixões. Foi então que decidi que meu foco de atuação seria na educação infantil com ênfase na alfabetização.

Trabalhei muitos anos em uma Creche e Pré-escola ambas da rede pública, mas via que algumas metodologias geravam dificuldades no processo de aprendizagem dos alunos em relação a escolha e forma de ensinamento dos conteúdos ministrados. O planejamento era feito em conjunto nesta instituição, revendo o anterior, porém poucas mudanças eram feitas, este também se estendendo aos conceitos estabelecidos para a mensurar a aprendizagem também, era sempre o mesmo, para os níveis de 3, 4 e 5 anos.

Estou há 4 anos trabalhando numa escola particular de ensino, na educação infantil, Jardim I, com crianças de 4 anos de idade. Na minha prática pedagógica

sempre resignifiquei minha metodologia, para tentar a cada dia ser uma profissional completa, buscando melhor sempre.

Compreendo que desde quando a criança ingressa na escola com 3 anos de idade até o 1º ano do ensino fundamental, nível importante que define a vida escolar de um estudante é essencial para o processo de alfabetização. Neste período de aprendizagem, a criança precisa ser bem trabalhada, para não “pular” etapas durante o processo educacional, pois, dependendo como for feito o trabalho, a criança poderá criar bloqueios com dificuldades tanto cognitivas quanto afetivas.

O ensino/aprendizagem na infância, é algo prazeroso para mim, quando se faz um trabalho priorizando o cuidado, entendendo o conceito do que é ser criança, respeitando o jeitinho e a especificidade de cada uma, o processo sistematizado do conhecimento se torna fácil, a criança sente quando é feito com amor.

2. A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO LETRAMENTO E NA ALFABETIZAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INTANTIL

2.1 O PRINCIPIO DA ALFABETIZAÇÃO

Ao se refletir sobre o período em que se deve começar de fato o processo de alfabetização, se é nas séries iniciais 1ºano ou Educação infantil, percebe-se que há essa dúvida em muitos profissionais. Se caso inicie na Educação Infantil, qual é a contribuição da mesma para esse desenvolvimento alfabético? Porém, qual é a compreensão sobre a prática do docente alfabetizador? Logo, um alfabetizador é ser capaz de ensinar, juntar letras para formar sílabas, juntar sílabas para formar palavras e palavras para formar frases e frases para formar textos. De fato, não é uma tarefa considerada tão fácil. Para ensinar a escrever, é necessário dedicação, entrega e muito compromisso com as ferramentas (jogos, brinquedos, alfabeto, teatro, livros, fichas de leitura, etc) que levarão à criança ao processo de escrita.

Nesse sentido, Ferrero (2001) expressa:

Progredir alfabetização adentro não é uma jornada tranquila. Encontram-se muitos altos e baixos nesse caminho, cujos significados

precisam ser compreendidos. Como qualquer outro conhecimento no domínio cognitivo, é uma aventura excitante, repleta de incertezas, com muitos momentos críticos, nos quais é difícil manter ansiedade sob controle (FERREIRO, 2001).

Dessa forma, compreende-se que alfabetizar é desenvolver habilidades no educando sobre o saber ler e escrever, é proporcionar noção de concordância compreendendo o que de fato está escrevendo, é ter coerência.

Nesse aspecto, Soares (2012) diz que o ato de alfabetizar, não é uma habilidade, mas sim um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Essa complexidade e multiplicidade de facetas, segundo Soares, acabam explicando porque o processo de alfabetização tem sido objeto de estudo por diferentes profissionais, que privilegiam ora estas ora aquelas habilidades.

Além de ser um fator complexo, alfabetizar é saber respeitar o desenvolvimento de cada criança, compreendendo que cada uma tem seu jeito singular de aprender.

Percebe-se que muitos educadores ainda têm uma visão errônea em relação ao período que se inicia a alfabetização, esquecendo-se da importante contribuição para esse papel na Educação Infantil no processo da alfabetização, tendo em mente que seu início somente ocorre na primeira etapa do ensino fundamental e não na educação pré-escolar.

De acordo com a BNCC (2018), a expressão educação “pré-escolar”, utilizada no Brasil até a década de 1980, sugeria o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que somente teria seu começo no Ensino Fundamental.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 (zero) a 6 anos de idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E foi a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos.

Portanto, qual é o papel de um professor “alfabetizador na educação infantil”? Nos aportes do documento utilizado como Base Nacional Comum para todos, BNCC, diz que parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar

e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.

Visto que desde a educação infantil, a criança deve vivenciar situações de aprendizagem de leitura e escrita (linguagem e grafema), quais as situações reais que o professor pode estar possibilitando este acesso? Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p.38).

A etapa da educação infantil, é um período importante, pois é nessa etapa o primeiro contato com o ensino sistematizado de signos, onde após essa etapa, a criança começará a simbolizar palavras, sendo estas, transformadas em representações de coisas do mundo. Desta forma, as práticas de determinadas técnicas influenciam positivamente ou negativamente neste exercício.

O sistema de reflexão fonológica com (Aliterações e rimas), é algo muito importante, pois possibilita trabalhar a dicção e associações de sons, grafema e imagem, preparando para o ato de interpretação de figuras/desenhos e escrita espontânea.

A Consciência fonológica, é uma consciência importante para qualquer método de alfabetização, quanto mais cedo iniciar este exercício, facilitará o processo, pois quebra o paradigma de que criança para aprender a ler e escrever, basta ensinar as letras soltas (A, B, C...), o transladar do oral para a escrita está no fato de que aprender determinados códigos exige a transferência de unidades fônicas um para o outro (oral para o escrito). De acordo com a BNCC (2018):

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar,

comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. (BRASIL 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), vem com uma abordagem ao professor aprender a articular as diferentes facetas da apropriação da língua escrita, Isso significa trabalhar com as práticas sociais de leitura e escrita com momentos de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Em relação a centralidade do texto está indicada na Base, como contexto, colaborando com a compreensão de conteúdos linguísticos, precisando de intencionalidade nas escolas, quanto maior for a diversidade de gêneros textuais, especialmente literatura infantil será melhor desenvolvido.

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2017, p. 42).

Assim sendo, reconhece-se a importância da educação infantil na vida de uma criança para que se possam ampliar seus conhecimentos e adquirir novos saberes diante da socialização escolar e dos conhecimentos sistematizados encontrados na escola.

2.2 CONTRIBUIÇÕES NA PRÁTICA ALFABETIZADORA EM MEIO A PANDEMIA. PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Em 17 de março de 2020, recebo a notícia na escola em que trabalho, que o COVID 19 - tinha chegado ao Brasil, inclusive com notificação de casos no Estado do

Pará. A partir desse momento, nos deparamos com a primeira paralisação nas escolas pública e privada, que de início durou 15 dias. Até este momento, eu não tinha noção da proporção que essa doença iria tomar. Os profissionais da educação onde eu trabalho pensavam que realmente seriam necessários estes 15 dias sem aulas presenciais, mas sempre desejando voltarem ao normal o quanto antes.

Como eu estava trabalhando numa escola privada, foi preciso pensar em algo que não parasse totalmente os estudos dos alunos. Felizmente, na instituição onde eu lecionava, tínhamos feito uma formação no início do ano de 2019 (ano que iniciou a pandemia), sobre Metodologias Ativas. Além dessa formação, teve também um portal da Casa Publicadora Brasileira - CPB, que oferta auxílio pedagógico ao professor.

Iniciamos as aulas com o uso do WhatsApp por meio da criação de grupos virtuais, como forma de direcionamento das atividades e revisão do conteúdo. Neste período eu estava lecionando, com turma de alunos com 4 anos de idade (educação infantil).

Na educação infantil temos um agravante, que é característico da interação social, criando vínculos afetivos entre as crianças e familiares, remotamente essa interação fica comprometida. Vieram então os questionamentos: Como estabelecer essa relação com plataformas virtuais, comunicando-se na maioria das vezes pelas redes sociais, e avaliando o desenvolvimento da criança por fotos e vídeos enviados pelos pais, como devolutiva de atividades propostas?

As aulas remotas, ministrada via WhatsApp, serviram também para que os pais se adaptassem em relação a aprender sobre o acesso e ao uso do portal da Instituição.

Essa situação inesperada forçou ao professor a um desafio, a criar métodos e técnicas novas, atualizar, se reinventar, além disso, criar conexões com as famílias e crianças.

Nós, professores da escola particular, fomos orientados a fazer uma planilha com todos os dados das nossas aulas, vídeos, explicações, atividades, dividindo a carga horária, como comprovação de aulas ministradas. Nesta escola, trabalha-se com Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Senti que neste período, teve uma falha em relação aos professores da educação infantil, pois queriam aulas, mas não tinham as devidas orientações, neste contexto, totalmente novo e desafiador. Nesse aspecto, percebe-se a importância de um educador pesquisador.

Para André (2006a, p. 223), em relação ao professor pesquisador:

A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar as ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sociopolítico e econômico e mais livre para tomar suas próprias decisões.

Devido a conjuntura que se encontra a pandemia, a educação sofreu mudanças radicais, na qual a importância de um educador ter a capacidade de diagnosticar, levantar hipóteses, buscar fundamentações teóricas e analisar dados é essencial.

A sociedade não estava preparada para a pandemia, todos tiveram que se adaptar uns mais e outros menos, pois acreditavam-se que todos os setores seriam afetados. No âmbito familiar, muitas famílias não tinham estruturas para as aulas remotas. Mas era necessário continuar com o nosso trabalho de alfabetizar, pois os alunos ainda que distantes precisavam estar em contato com o processo ensino-aprendizagem visando a escrita e a leitura.

Na Educação infantil, a ato de aprender por meio de interações, é necessário a família participar ainda mais do processo educativo. Como direcionar atividades de modo remoto para crianças de 4 anos, sem a presença dos pais? Vi esse dilema da minha profissão, tentar motivar os pais a trabalhar em conjunto, passando-lhes alguns pontos básicos de desenvolvimento infantil, para assim, criar uma via de mão dupla entre a criança e o professor, de modo que os alunos continuassem nesse processo de alfabetização.

2.3 O USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NAS AULAS REMOTAS PARA FAVORECER A APRENDIZAGEM

Antes da pandemia, o convencional em uma aula na minha realidade, era o uso de ferramentas básicas, quadro e pincel ou até mesmo ainda, quadro e giz, a tecnologia mais avançada era o uso de um data show.

Quando o assunto é o uso das novas tecnologias TIC's, na sala de aula pelo professor, Mercado (1999) destaca que:

Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores. (MERCADO, 1999. p. 12)

O uso de tecnologias como ferramenta no processo ensino/aprendizagem, veio com o período contemporâneo e globalizado, onde enxergamos resistência de alguns profissionais da educação. Porém, no mundo atual, é muito importante a utilização dessas tecnologias, independentemente da Pandemia.

Nesse aspecto, Kenski (1997, p.61) afirma que:

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentamos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes.

Desse modo entende-se que os profissionais tiveram que se adequar a essa nova realidade fazendo uso dessas novas tecnologias, enfrentando com isso seus medos e desafios com relação a esse novo formato de trabalho com a utilização desses recursos.

Tendo a compreensão que nossos alunos fazem uso destes recursos no seu dia a dia, para que consigamos fazer uma aula consistente e atrativa, que faça sentido para o educando, facilitando esse meio, por que não usar?

Para ALMEIDA e PRADO (2006, p. 39):

[...] para evitar ou superar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer as novas formas de aprender e de ensinar, bem como de produzir, comunicar e representar conhecimento, possibilitadas por esses recursos, que favoreçam a democracia e a integração social.

Como a tecnologia vem se inovando em uma velocidade desmedida, com a pandemia, o fato de ser necessário o isolamento, tivemos uma sobrecarga de atividades tecnológicas, redes sociais virtuais entre outras, da relação social ao uso no trabalho, tudo se resolveria através das redes tecnológicas.

As atividades remotas, a educação a distância não foi pensada em sua origem para a educação básica, muito menos para a educação infantil, ou seja, a forma que estamos usando é uma excepcionalidade.

Faz-nos pensar em um equilíbrio do uso de tecnologias, conhecimento vasto e de graça, com fácil acesso, com a volta gradual das aulas precisaremos lembrá-los ao uso dos livros físicos e bate papo. Sabemos que temos brincadeiras fora deste mundo tecnológico, explorar o ambiente, criar seus brinquedos imaginários, interagir com outras crianças através das cantigas de roda é muito importante e necessário.

A proposta de instrumentos utilizados pela escola privada depois de muitas adequações para prática de ensino foi: WhatsApp para informações aos pais, Portal E-class para os alunos acessarem as aulas, links, áudios e devolução de atividades, para a correção através do mesmo e aulas síncronas duas vezes na semana com duração de 30 minutos para a educação infantil, através do Zoom, assim se constituía a nova concepção para sala de aula neste período. Na rede pública, as aulas se dão via WhatsApp, com gravações de vídeo aulas e caderno de atividades.

O importante é que o ensino síncrono é levado até o aluno. Ainda que tenha algumas dificuldades os alunos estão sendo assistidos e contemplados com o trabalho realizado pela escola.

Nas aulas síncronas realizadas por meio do aplicativo Zoom, usava como um momento de interação com os alunos, assuntos trabalhados durante a semana, como por exemplo, os sons das letras, contação de histórias e músicas, livros digitais.

O conteúdo ministrado em relação às letras e números, era de acordo com o nível de desenvolvimento da turma, no Jardim I, 4 anos, a criança saía desse nível, conhecendo as letras do alfabeto, trabalhando nome/som e escrita letra de forma maiúscula.

Dessa forma, conclui-se que o uso de ferramentas tecnológicas auxilia no processo de aprendizagem de crianças da educação infantil.

2.4 UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE AS METODOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Durante este período pandêmico que estamos vivendo, tive a experiência na minha prática docente na rede privada de ensino e rede pública. Nesse período pude perceber ainda mais a importância da aplicabilidade de metodologias diversificadas para o processo ensino-aprendizagem.

Um método muito utilizado nesse momento de pandemia, são as metodologias ativas. Nesse sentido, Bastos (2006, p.10), expressa que o conceito de metodologias ativas se define como um “processo interativo de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Ainda segundo o autor, o docente deve atuar como um facilitador, para que o estudante faça pesquisa, reflita e decida por ele mesmo o que fazer para alcançar os objetivos.

Refletindo sobre esta perspectiva de ensino, percebe-se que requer um nível de conhecimento prévio por parte do professor para sua efetiva aplicabilidade na educação infantil, principalmente por conta de crianças que ainda não vivenciaram o ensino sistematizado.

Dessa forma, encontramos uma enorme dificuldade em se trabalhar com este método, principalmente para promover o desenvolvimento da consciência fonológica e a escrita dos alunos, através de estímulos para transição do som (fala) para o grafema (escrita) com significado. É importante o trabalho de consciência para o papel de leitura e escrita, assim terá conhecimento e habilidades de produção textuais escritos, muito antes de dominar a base alfabética de escrita. Para Morais (2005), em resultados de pesquisa, apontam que as habilidades de reflexão fonológica não são condições suficientes para que o educando domine a escrita alfabética, porém é uma condição necessária, conclui que não tem como o aluno compreenda sozinho esse mecanismo de partes sonoras e escritas, necessitando de um trabalho do professor mediador.

O que se compreende por Consciência fonológica, a vários seguimentos, porém neste trabalho teremos como sabe o conceito de Morais (2006, p.60):

Consciência fonológica é um conjunto de habilidades metalingüísticas que permitem ao indivíduo refletir sobre os segmentos sonoros das palavras, o funcionamento que as caracteriza é metalingüístico, porque o sujeito reflete sobre a própria língua, em lugar de usá-la para se comunicar e apenas alcançar os propósitos normais da vida cotidiana. E é fonológico porque opera sobre segmentos sonoros (sílabas, rimas, fonemas) que estão no interior das palavras. E como também podemos exercer a capacidade de reflexão

metalingüística em outros níveis, como o morfológico, o sintático, o textual e o pragmático. A Consciência fonológica é, portanto, um tipo da reflexão metalingüística.

Fretas (2004) sugere três níveis de consciência fonológica, sendo divididas como indicam, níveis das sílabas, unidades intra-silábicas e fonemas.

O nível das sílabas, compreende a capacidade de dividir as palavras por partes, se tornando o caminho mais obvio e de fácil entendimento para as crianças, desenvolvendo nelas a habilidade de dividir uma palavra em suas sílabas oralmente, nos indicando claramente um nível de consciência fonológica.

O nível intra-silábica são as palavras divididas em unidades maiores que os fonemas individuais e menores que as sílabas, neste caso, são as rimas (beijo – queijo) - capacidade de identificar os sons finais, e aliterações (abelha – avião) identificando os sons iniciais.

Por fim o nível dos fonemas, que é a capacidade de dividir as palavras nas menores unidades de som que podem mudar o significado se uma de uma palavra.

Ao verificar estes níveis que a consciência fonológica perpassa, juntamente com as habilidades necessárias propostas na BNCC (2018) para a educação infantil, compreende que o nível adequado de se trabalhar nesta faixa-etária, seria o trabalho com rimas que desenvolve de forma espontânea do desenvolvimento linguístico, o trabalho com cantigas, poesias rimadas, levam as crianças a focarem no som das palavras e não no seu significado.

Para Ferreiro (1999, p.44-7) o processo de alfabetização inicial, revela algumas propostas fundamentais esquematizadas:- Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social; Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível; Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos; Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio; Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreendera a relação entre a escrita e a linguagem.

Quando iniciei minha função como professora de educação infantil, não tinha essa visão sobre o processo de língua falada e escrita como objeto social, ao se trabalhar o nome da criança, por exemplo, era algo um tanto quanto mecanizado, sem

haver uma contextualização que pudesse oferecer sentido à criança ao trabalhar seu próprio nome.

A maior parte das escolas em que eu trabalhei que não tinha o hábito de fazer formação continuada, isso dá a impressão de que se a pessoa é pedagoga ou está cursando, não tem o que aprender, ela automaticamente já sabe, e com isso colocam pessoas despreparadas e professores antigos que não buscam mais inovação nas suas práticas e esses vão repassando para outros professores da rede.

2.5 PRODUÇÃO ESCRITA E GÊNEROS TEXTUAIS NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO DE LETRAMENTO

Na sociedade atual, são vários os campos das atividades praticadas pelo homem. Nesses espaços, circundam e são elaborados os mais diversos tipos de textos. Estes, muitas vezes, estão presentes em cartazes, informativos, revistas, jornais, slogans, outdoors, internet etc, gerando, dessa forma, uma interação entre os variados tipos de textos que facilitam o processo de letramento por meio dessa interação (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2005).

Esses autores supramencionados afirmam que o ser humano, por meio de sua vivência, precisa da interação com essa diversidade de gêneros textuais que são produzidos na sociedade. Essa interação é importante para que o indivíduo possa se apropriar do conhecimento de diversas maneiras de saberes articulados socialmente.

Nesse sentido, nota-se a presença da língua como um canal de construção ou edificação discursiva, relacionada com os contextos presentes nas diferentes esferas sociais, em que essa língua manifesta-se de modo ideológico, heterogêneo e opaco (SEDUC-PR, 2006).

Desse modo, não se pode desmerecer o valor da interação dos gêneros textuais na linguagem, considerando, dessa forma, o eu e o outro. Deve-se reconhecer que o processo da comunicação discursiva real ocorre tanto do lado do sujeito que fala (o “falante”) quanto na posição do sujeito que ouve, (o “ouvinte”), podendo existir, nesse contexto, o concordar ou o discordar (BAKHTIN, 2003).

Dessa forma, Meurer (2002, p. 127) afirma que:

A linguagem idealizada como sistema, deve mediar todos os discursos, com a potencialidade da ação de cada indivíduo sobre o mundo (onde se declara e se negocia), de conduzir outros a agir (convencendo), de edificar mundos possíveis onde se permita representar e avaliar, possibilitando desta forma aumentar a necessidade e a importância de novas técnicas e aprendizagens educacionais que estejam voltadas para o letramento apropriado ao contexto social.

Assim sendo, entende-se que desenvolver um trabalho com a linguagem, a partir do uso de gêneros textuais, é uma das maneiras de fazer a exploração da língua portuguesa de um modo contextualizado e dinâmico, como também auxiliar ainda no desenvolvimento e organização das práticas de leitura e produção de textos, considerando a oralidade e a escrita de acordo com a interação.

No que tange à definição de gêneros textuais, Bakhtin (2003, p. 98), declara que cada esfera de utilização da língua organiza e estrutura seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso denominado de gêneros do discurso. Para ele:

O enunciado exibe as condições típicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não apenas por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas, principalmente, por sua construção composicional.

Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de proporcionar ao aluno o conhecimento referente aos gêneros textuais não apenas em seus aspectos linguísticos, mas também na sua composição e contexto de produção para que ele participe, de forma ativa, dos processos sócio-históricos, em que está inserido.

Bakhtin, (2003) revela que a riqueza e a variedade dos gêneros textuais são ilimitadas, pois a variedade ligada à atividade do homem não se esgota, e cada esfera dessa atividade permite um repertório de gêneros do discurso que se diferencia e amplia-se, ao passo que a própria esfera se desenvolve e adquire mais complexidade.

De acordo com esse autor, se não houvesse gêneros textuais e se não existisse domínio sobre eles, se fossem criados pela primeira vez em cada iniciação de conversa, a comunicação, seria praticamente impossível. Por isso, distingue os gêneros discursivos primários (da comunicação cotidiana) dos gêneros discursivos secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita).

Para Marcuschi (2005) gênero textual é a maneira como um texto se expõe ou se apresenta, em linhas gerais, refere-se ao seu conteúdo e ao seu formato padrão, em que se pode trabalhar de forma sistematizada os recursos que a língua nos oferece, usando de criatividade e inovação para que sejam desenvolvidos textos que estimulem o hábito de ler e de escrever, dando assim, início ao processo de letramento.

No que se refere ao letramento, Kleiman (1995), afirma que sua adoção nos meios acadêmicos se deu com a intenção de fazer uma separação dos estudos em relação ao impacto social da escrita dos estudos referentes a alfabetização, onde conotação escolar demonstra as competências de caráter individual no uso e na prática escrita.

Desta maneira, percebe-se que a escrita e o contexto são determinantes, que não se separam, onde leitura e escrita devem ser sempre avaliados e analisadas no entorno social em que estão inseridos.

Segundo Soares (2004, p. 20) alfabetizar consiste em “levar ao alfabeto”, ou seja, promover a instrução do código do idioma escrito, preparando desse modo os alunos para a leitura e escrita, sendo necessário, que o aprendiz entenda que a língua escrita não é simplesmente uma representação da língua ponderada, haja vista que a oralidade e a escrita são formadas de formas diferentes.

Soares (1998), ainda enfatiza que a expressão letramento foi colocada um tanto quanto recentemente na língua portuguesa, esse ato aconteceu na década 80, e tornou-se mais comum nos discursos escritos e orais dos estudiosos da Educação e das Ciências Linguísticas.

Nesse sentido, enquanto ao profissional que atua na educação infantil, procuro desenvolver as atividades de modo que a criança possa se familiarizar com o processo da escrita. A seguir, apresento algumas atividades de Classes que tem como objetivo o ensino da linguagem escrita, que para isso o foco é estimular a coordenação motora fina na criança.

Atividades de classe: a ideia principal era se trabalhara aquisição da linguagem escrita nas crianças, inicialmente utilizando o seu próprio nome para construir a escrita. No processo de aprendizagem que antecede à escrita, é importante e necessário estimular a coordenação, desenvolver autonomia, além de explorar texturas, cores, formas, e posteriormente “mergulhar” no universo das letras.

Figura 01 - Pintura com balões



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 02 - Pintura com garfos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 03 - Pintura com cotonete



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 04 - Pintura com bucha



Fonte: Arquivo pessoal

Por meio destas atividades, estimo a expressão das crianças, que vão aperfeiçoando suas habilidades motoras finas.

Uma prática que sempre uso para a aquisição da escrita, é falar para os alunos que as letras têm movimentos, juntamente com a noção de direção, em cima/sobe, embaixo/desce, voltinha, puxa, corta, com os dedinhos no ar e vamos escrevendo.

Outra técnica que utilizo para despertar a escrita é o canto: a letra (A) é bonitinha, sobe, desce e corta, deste modo, aprendem as letras dos seus nomes. Na sala de aula, os seus materiais são etiquetados com o nome dos respectivos donos, para que possam familiarizar-se com o conjunto de letras ali presentes.

Ao identificar, memorizam o seu conjunto de letras, desenvolvendo assim, a consciência do uso da escrita como representação de sua identidade.

É importante frisar que muitas crianças já vêm de casa, com alguma base, já tendo noção de letras e fazendo uso de lápis, porém, para se trabalhar a forma correta do pegar no lápis, de preferência inicialmente utiliza-se o giz de cera, lápis grossos, mas mesmo assim, temos crianças que não desenvolvem essa simples habilidade sozinhas, para isso, uso uma bolinha de isopor e liga, amarro na proximidade da ponta do lápis e a criança pega posicionando na mão onde a bolinha fica em sua palma como mostra a imagem a seguir.

Figura 05 - Uso do lápis com liga e bolinha



Fonte: Arquivo pessoal

A primeira forma de expressão escrita de uma criança, se dá, pelos desenhos, que no início parece não ter significado, mas de acordo com que vai tendo contato de situações, através de imagens nos livros, revistas, placas de lojas e interpretando-os, começam a compreender que o ato de desenhar expressa algo, e com o amadurecimento desta ideia, vão percebendo que as letras que estão nos livros e “falam”, fazendo essa relação da imagem com o nome escrito de figuras, assim começam a compreender que as letras existem e juntas, representam a sua fala (língua materna).

Figura 06 - Uso do livro, mostrando as letras



Fonte: Arquivo pessoal

Para auxiliar neste desenvolvimento da escrita também, gosto de trabalhar as partes do corpo aliada a fala. Segue algumas sugestões de atividades:

O desenho do meu corpo: com uma cartolina ou papel madeira, deita-se a criança no chão e vai desenhando o seu molde, depois cole em um espaço na parede na altura da criança, e peça para observar as partes desenhadas, depois vão preencher com pedaços de revistas e livros.

Figura 07 - Construindo meu



Fonte: Arquivo pessoal

Árvore como o caule sendo seu braço e mãos os galhos:

Utilizando, folha A4 com a gramatura mais grossa, tinta guache, canetinha, giz de cera e cotonete.

Figura 08 - Pintura árvore



Fonte: Arquivo pessoal

Ao se falar de um mundo magnífico, cheio de informações, não podemos omitir ao negar o contato com o letramento para as crianças, disponibilizando informações relacionadas a esse tema construindo um espaço em que poderão ser apresentados, atividades como rótulos, nomes das crianças, letras do alfabeto, músicas, receitas, listas. O campo é amplo, depende da criatividade de fazer algo e inovar, nunca perdendo o foco de uma aprendizagem com significado.

Figura 09 - Expressão de escrita no chão



.Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 - Caça as vogais



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 - Receita salada de frutas



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12 - Cartaz rótulos



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 13 - Cobrindo letras



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14 - Decorando letras através de colagens



Fonte: Arquivo Pessoal

Tudo isso são algumas das práticas adotadas no cotidiano da sala de aula visando o processo de alfabetização e letramento dos alunos. Nesse aspecto, Soares (2010), expressa que alfabetização e letramento são considerados processos distintos, entretanto, são interdependentes e ainda indissociáveis. Pois, um indivíduo pode ser aceito como sujeito alfabetizado e não ser letrado, ou pode ser letrado, mas não ser alfabetizado. Sendo assim, é importante ter consciência de que não basta somente ser alfabetizado, é preciso ser letrado, fazendo o uso adequado do idioma escrito em situações sociais, e que este exercício não fique limitado somente ao ambiente escolar.

2.6 PLANEJAMENTO DIDÁTICO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MÉTODOS

Diante dessa situação global pela qual o planeta atravessou e ainda atravessa com relação ao Covid 19, um dos métodos mais pensado pelas instituições de ensino para o uso neste período de caos, foram as metodologias ativas. Nesse sentido, Santos (2019) afirma que:

O objetivo desse método é que os alunos aprendam de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais. A proposta é que o estudante esteja no centro do processo de aprendizagem, sendo responsável direto pela construção de conhecimento.

Assim entende-se, que as metodologias ativas exigem que o aluno, seja capaz de realizar leituras, de fazer comparações, de executar pesquisas, interpretação, sejam críticos, saibam analisar e que tenha iniciativa para tomadas de decisões.

Em análise sobre o uso deste método para a Educação infantil, tona-se a meu ver a prática docente, inviável, pois como é o primeiro acesso ao mundo educacional sistematizado e a sua autonomia está em desenvolvimento.

Para o conselho educacional de educação sobre como ensinar nos diz na Resolução CNE/CP Nº 2, de 10 de dezembro de 2020:

§ 1º As instituições escolares de Educação Infantil que adotarem processos pedagógicos não presenciais devem priorizar atividades de estímulo cognitivo e socioemocional e experiências lúdicas com espaço para brincadeiras e estimulação de habilidades específicas propostas nos campos de experiência pela BNCC.

§ 2º Por terem menores níveis de independência e autonomia, as crianças pequenas necessitam da mediação dos adultos da família para as orientações, acompanhamentos, estímulos e regimentos no enfrentamento dos impactos da pandemia.

§ 3º Orientações da instituição escolar devem ser dadas diretamente às famílias, a partir de intensa interação entre o cuidar e o educar, viabilizada por articulação sistemática entre os profissionais da escola e a família ou mediadores familiares, preservando os vínculos entre eles. (BRASIL, 2020).

A presença dos pais ou responsável que é algo importante para um bom desempenho para a criança no período escolar, torna-se praticamente obrigatório e fundamental. Muitos infelizmente ficaram com a ideia de que logo tudo iria passar, não priorizam esta primeira fase de aprendizagem escolar, ocorrendo a evasão

escolar num nível de fechamento de turmas, no período pandêmico, antes das tentativas para a volta gradualmente das aulas pelo município, tinha apenas 5 crianças, baixando esse número até fechar a turma e eu ser demitida novamente em maio de 2021 da rede particular de ensino.

No mês seguinte, fui procurada por um grupo de pais solicitando aulas de apoio, com um formato de sala e rotinas escolares, com crianças que nunca tinham ido para a escola. Esses pais tinham a vontade de saber como funcionavam, pois a sala virtual para eles, não era escola. Assim surgiu minha turminha “Pimpolhos da Lari”, com 5 alunos pela manhã e 5 a tarde, com faixa- etária de 3 até 5 anos.

Neste mesmo período, o vírus estava em baixa, a vacina já liberada para os profissionais da educação, governador do Estado do Pará (Hélder Barbalho), já havia autorizado as aulas presenciais de escolas particulares de forma gradual, controlando a quantidade de alunos presentes em relação ao espaço, seguindo é claro, as recomendações do Ministério de Saúde. As autoridades locais da cidade, aprovaram o funcionamento de todas as escolas, a partir de agosto de 2021, na Educação infantil na rede pública foi em Setembro do ano vigente com crianças pequenas de 5 anos.

Em outubro de 2021, fui chamada para trabalhar na rede pública de ensino, na pré-escola, com crianças pequenas de 4 anos ainda com o formato de ensino remoto.

Na rede particular de ensino, tive um grande aprendizado em relação ao método aplicado, para que facilitasse essa interação professor, aluno e família, pensando em algo que incluísse esses pais que estavam trabalhando e por conta disso, sem tempo para acompanhar o ensino-aprendizagem do seu filho, onde muitos faziam as atividades a noite.

- Escola privada

Veio a proposta escolar de planejamento semanário da escola privada, com um olhar para o aluno, no qual consiga ter acesso sozinho com fácil compreensão, então surgiu a Trilha de Aprendizagem que era disponibilizada pelo portal E-class do estudante. Tendo a seguinte estrutura:

Campo de experiências: Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação (Oralidade e Escrita)

Objeto de Conhecimento: *Tentativa de escrita das sílabas da consoante P e consciência fonológica.*

Objetivos de aprendizagem:

(EI03EF09) *Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.*

Estratégia / Metodologia

Apresentação

Boa tarde crianças!

Preparados para mais uma aula?

Hoje vamos conhecer a família silábica da consoante P, identificando seus sons nas imagens que aparecerão no vídeo da hoje.

1º ao ponto:

Antes de iniciar as atividades no caderno de hoje, assistam ao vídeo abaixo, explicando como fica o som da consoante P, juntamente com as vogais, respondendo as charadas que aparecem no link a seguir.

<https://www.youtube.com/watch?v=4vAQ4qr6ybE>

2º na Prática:

Atividade 01: *precisamos de muita atenção agora, observe as imagens e diga os nomes dessas figuras e vejam a frente como escreve os nomes delas, estão faltando letras, são as iniciais de seus nomes, tentam identificar os seus sons, completando com PA - PE- PI- PO – PU. (as atividade de xerox, eram anexadas no portal)*

3º Investigue

Junte com sua família e vamos brincar. Caça figuras, procurem em revistas, livros ou até mesmo objetos pela sua casa, que inicial com o som das sílabas estudadas hoje: PA – PE – PI – PO – PU.

Poste aqui no E-class as fotos das atividades, para concluir a aula e correção.

Feedback

Ao final de cada semana, eu disponibilizava um link com questionário, feito por meio da ferramenta Google forms, no qual o responsável acessava e avaliava a aulas. Segue o modelo:

Figura 15 - Ferramenta de avaliação

The image shows a Google Forms interface with a dark blue background and white text. The title is 'Campo de experiência - Escuta, fala, pensamento e imaginação.' There are three main sections for evaluation, each with a row of smiley face icons and a legend below them.

Section 1: '1. Os objetivos propostos na apresentação durante a semana'. Legend: 'Não foram alcançados; foram alcançados parcialmente; foram alcançados plenamente.' There are 10 smiley faces, with the first one selected and a '1' in a green circle next to it. A green button labeled 'Sua avaliação' is below the icons.

Section 2: '2. O envolvimento nas atividades propostas durante a semana'. Legend: 'Não me envolvi; me envolvi parcialmente; me envolvi plenamente.' There are 10 smiley faces, with the first one selected and a '1' in a green circle next to it.

Section 3: '3. Sobre minha aprendizagem durante a semana'. Legend: 'Não avancei; avancei parcialmente; avancei significativamente.' There are 10 smiley faces, with the 10th one selected and a '10' in a green circle next to it.

Section 4: '4. Sugestões para nossas aulas.' Below this is a large text input area with a hamburger menu icon on the left. At the bottom right is a green button labeled 'Enviar'.

Fonte: Arquivo pessoal

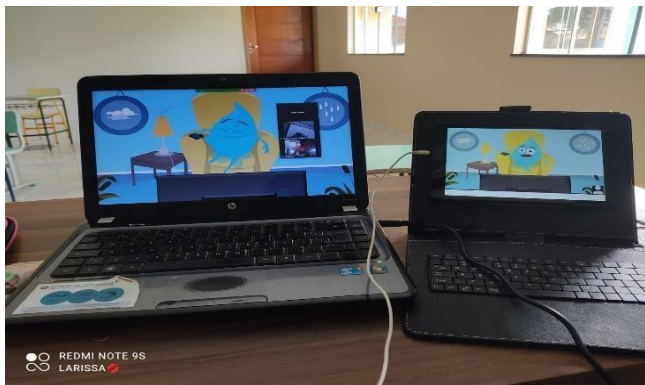
No planejamento acima, estou trabalhando as sílabas na educação infantil. Neste caso com crianças de 5 anos de idade, da escola particular. Eu trabalho com as crianças as sílabas, apenas a noção de sons, para identificar na fala, até chegar ao ponto de conhecimento. Já trabalhei com as crianças, através de uma história que as letras tem nomes e sons (Fonema), ensinando a articulação da boca, no qual, o seu som bloqueia a passagem do ar na sua pronúncia, fazendo um barulho de pipoca na panela, em seguida pedindo para a criança pular enquanto tenta fazer a articulação da boca.

O som silábico ajuda a identificar as partes que compõe as palavras, se estão no início, meio ou no fim, ela assim começa a brincar e até criar palavras.

Nas aulas síncronas realizadas via zoom, usava como um momento de interação, comigo e as demais crianças, conversando sobre os assuntos trabalhados durante a semana, como por exemplo, os sons das letras, contação de histórias e músicas, livros digitais.

Na escola particular, o conteúdo a ser ministrado em relação as letras e números, eram de acordo com o nível de desenvolvimento da turma, no jardim I, 4 anos, a criança saia conhecendo as letras do alfabeto, trabalhando nome/som e escrita das letras em forma maiúscula, podendo apresentar as sílabas sem exigências.

Figura 16 - Aula via Zoom



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao retorno das aulas presenciais com a pandemia alcançando picos mais baixos de contaminação, surge uma experiência linda, ter o meu espaço educacional, construído na área da minha casa, um lugar simples, mas com muito aprendizado e amor.

Onde o saber na primeira infância do indivíduo são requisitos básicos para a formação do seu desenvolvimento cognitivo, o brincar, sendo um dos meios mais agradáveis dentro de um ambiente infantil, diversos são os conteúdos e atividades apresentadas às crianças abrangendo três pontos do conhecimento: linguagem, natureza e sociedade.

Para este espaço (foto a seguir) foi criada uma rotina escolar, tudo para as crianças pensarem que de fato estavam indo para a escolinha. Funcionando de segunda a quinta-feira, no período da manhã, às 8:30hs até 11hs, tarde, 13:30 até 16hs.

Figura 17 - Sala de apoio, “Pimpolhos da Lari”



Fonte: Arquivo pessoal

Nossa rotina era da seguinte forma:

Acolhida: estou sempre os recebo na porta, com toda a higiene possível, coloco uma música infantil ambiente, enquanto eles pegam o brinquedo que sempre trazem de casa, outros pegam as peças de lego ou o tapete pedagógico de letras e números.

Rodinha de conversa: este é um momento especial, para saber como estão, se dormiram bem, almoçaram, respeitando a vez de fala de cada um, sempre trazendo uma curiosidade, conversar sobre determinado assunto, um belo dia perguntei: o que é o amor? As respostas que obtive:

Aluno 1 – “o amor é feito de feliz”.

Aluno 2 – “ amor é Jesus.”

Aluno 3 –“ amor é brincar”.

Aluno 4 – “ o amor deixa o coração vermelhinho, porque brinca com outras crianças, divide os lanchinhos”.

Aluno 5 – “ amor é ver o céu”.

Nota-se que a definição de amor para elas, são atos que alegam a vida, alguém usaria dizer que está errado?! Amar, nos deixa felizes, trilhando o caminho de fazer o bem, dividir, compartilhar, brincar, quando amamos, tudo ao nosso redor fica belo como o céu, o que falar de Jesus, um nome que é sinônimo do amor. Crianças pensa, reflete e faz sua leitura de mundo do seu jeitinho todo especial de ser.

Chamadinha: foram confeccionadas fichas dos nomes de cada criança, espalho no chão, com muita calma vamos observando a escrita dos nomes, eu auxiliando no primeiro momento, até se familiarizarem com seus nomes. Na parede fixei um cartaz com velcro, para colarem seus respectivos nomes, cantando a música, “ A Canoa virou”:

A canoa virou

Palavra Cantada

Rema, rema, rema

Rema, rema, rema, ai-ai

Rema, rema, rema

Rema, rema, rema, ai-ai

Ai-ai-ai

Rema, rema, rema

Rema, rema, rema, ai-ai

A canoa virou por deixar ela virar

Foi por causa da _____ que não soube remar

Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar

Eu tirava a _____ do fundo do mar

Cada espaço presente na música era substituído pelo nome de um aluno, então a criança se levantava e colava no cartaz, assim respeitando a posição correta de escrita. Observa-se que as primeiras letras aprendidas, são a primeira e a última de seus nomes.

Na rede de ensino da escola pública, considerando que temos alunos com poder aquisitivo menor, nem todos podendo ter um bom celular ou até mesmo internet em casa.

As medidas tomadas para que ocorra o ensino remoto, foram, caderno de atividades, visto que as mesmas não possuem livros didáticos, o planejamento semanário estrutura-se da seguinte forma: na segunda-feira, trabalhamos uma curiosidade; terça-feira, atividade escrita na apostila; quarta-feira aula de vídeo; quinta-feira atividade escrita na apostila novamente; por fim, na sexta-feira aula de pátio.

As aulas explicativas são disponibilizadas através do WhatsApp, para isso, montei uma sala virtual, usando sempre um mesmo fundo, de um quadro, nele faço colagem de figuras e letras, disponibilizo também, livros digitais, jogos que trabalham consciência fonológica.

As atividades direcionadas sem o uso das cartilhas, peço lhes que explorem o ambiente familiar, quais materiais temos em casa? Podemos fazer cartazes, fichas com o alfabeto, procuramos objetos pela casa que iniciam com determinado som fonético e nomes dos familiares, não tem nada melhor do que ajudar a mãe na cozinha, vamos fazer uma sopa, observar os ingredientes através de uma receita cantada, "Sopa de lelê" do grupo palavra cantada, compreendendo a estrutura da escrita musical, rimas.

Figura 18 - Sala virtual



Fonte: Arquivo pessoal

As aulas virtuais seguem a seguinte estrutura: objeto do conhecimento; objetivo de aprendizagem; rotina: boas vindas, calendário do dia, oração; explicando a atividade; despedida.

Figura 19 - Jogos pedagógicos virtuais



Fonte: www.materialpdg.com.br

Em conversa com os pais, nota-se que muitos estão à espera da volta da normalidade, que quando voltar será como antes, almejam por isso. Acredito que a volta as aulas, este é um momento de pensar, ter um olhar especial aos professores, que estão numa luta tanto pessoal quanto profissional, são eles que ficam entre o aluno e o ensino-aprendizagem, sendo estes abalados em suas estruturas familiares, com as perdas, pela mudança social ou desemprego que surgiu causado pela pandemia

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento, reconheço que aprendi ainda mais que, o professor, deve buscar frequentemente uma prática diferenciada para sua atuação em sala de aula, para que tenha um bom desempenho em seu trabalho. Adquirindo com isso uma visão clara de como agir perante os desafios encontrados no cotidiano escolar em relação ao processo ensino aprendizagem. Percebeu-se que a alfabetização tem seu início na educação infantil.

Reconheço a importância do comprometimento do profissional educador ao lidar com as crianças da educação infantil e que ao entrar num universo muito especial e delicado, onde aquele ser está tendo contato com uma realidade social totalmente nova que é o ensino sistematizado escolar, é necessária uma visão ampla de mundo por parte do profissional para contemplar as necessidades daquele aluno.

Como de praxe, sempre faço uma auto avaliação como docente e comprovei que após estudar as práticas de ensino, especialmente no curso de Pós-graduação, adquiri embasamentos teóricos que modificaram as minhas praticas pedagógicas. Com isso, tenho plena convicção que as práticas desenvolvidas por mim, não são mais as mesmas de quando comecei a estudar. Hoje elas estão direcionadas em fortalecer cada dia mais a construção do ensino aprendizagem, considerando e respeitando o conhecimento prévio dos alunos, reconhecendo as informações e as opiniões que cada aluno traz consigo. Acompanhando assim o desenvolvimento dos educandos dentro do contexto escolar.

Estabelecendo um relacionamento carinhoso e compreensivo, para que os alunos possam sentir segurança, na busca de solucionar as dificuldades encontradas no decorrer do processo educacional.

Afirmo com respaldo nas teorias estudadas durante a graduação e as demais formações, que é fundamental a implantação de uma educação que vise, desenvolver as habilidades, oportunizando aos educandos uma formação de qualidade, formando cidadãos críticos, reflexivos, conhecedores de seus direitos, e também de seus deveres. E assim construir uma sociedade mais justa.

É de fundamental importância a alfabetização, quando trabalhada de forma significativa, explorando e considerando o período de vivência dessa criança no meio social e familiar, implicando assim, diretamente na interação social escolar.

A forma como fui alfabetizada, implicou diretamente na minha profissão atual, pois mudei o ato de pensar, de ser e de agir, sempre em busca de novas perspectivas de estudos, buscando conhecimento que pudesse melhorar minha prática pedagógica. Hoje em dia, vejo o quanto é essencial um professor pesquisador e que não desiste apesar das circunstâncias que possa vir a surgir. Nesse período em que vivemos na pandemia, lutando pelos nossos medos e angústias, certamente tivemos um maior aprendizado.

Convicta de que sou uma mulher vencedora e uma profissional que não se acomoda, sou grata por estar me realizando profissionalmente por meio do trabalho, contribuindo assim para a aprendizagem de crianças, e sempre buscando novos conhecimentos, para aprimorar minha prática em sala de aula. Pois, com as transformações que ocorre a todo momento no mundo, não posso ficar estática, tenho que estar buscando novas técnicas, novas formas e métodos para ter sucesso no meu trabalho. Sou grata pelas trocas de conhecimento proporcionados nessa especialização, amizades verdadeiras e pelo ensino adquirido por esta vivência, inestimável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA & PRADO, Maria E. B. B. **Integração tecnológica, linguagem e representação.**

ANDRÉ, Marli. **Ensinar a pesquisar... Como e para quê?** In: ENDIPE. Recife, 2006b.p. 221-234.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Leis e Decretos. Constituição da República Federativa do Brasil: atualizada até 01.01.2003. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 2/2020 – Ministério da Educação. **Orientações durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.** Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRITO, L. P. L. **Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação Infantil.** In: FARIA, Ana Lúcia Goubart e MELLO, Suely Amaral (orgs). **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** Campinas, SP: autores Associados, 2007.

CAMPOS, Magna. Manual de Gênero Acadêmico. 1º edição. Mariana-MG, 2015.
DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora.
Gêneros Textuais & Ensino. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo.** Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2001, 136 p.

FREITAS, G. C. M. Sobre a consciência fonológica. In: LAMPRECHT, R. (Org.). **Aquisição fonológica do português.** Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 179 – 192.

KLEIMAN, A. B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, E.; VIANA, M. **Dimensão social da língua portuguesa e avaliação de rede.** In MARCUSCHI, E.; SOARES, E. (Org.). Avaliação educacional e currículo: inclusão e pluralidade. Recife: UFPE, 1997, p. 25-68.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEURER, J. L.; ROTH, D. M. **Gêneros Textuais.** 2002.

MORAIS, A . G. A. **Consciência fonológica e metodologias de alfabetização.** Presença Pedagógica, v.12, n. 70, p. 58-67, jul./ago. 2006.

SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias Ativas de Ensino-aprendizagem.** Olinda-Pe, 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21.ed. rev.ampl.São Paulo: Cortez, 2000. p. 175-176. Cap. 7.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento um tema em três gêneros**. BeloHorizonte:autentica ,1998.

_____. _____. **Alfabetização e Letramento**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.